

O pintor do desassossego: Entrevista com Maleonn

Messias Basques

Tradução: Lígia Maria Venturini Romão



Figura 1: Maleonn. Fonte: China Economic Net, www.ce.cn

1972

Nasce em Xangai

1984-1995

Escola de Arte Xangai Huashan;
Colégio de Belas Artes da
Universidade de Xangai;
Graduação em Belas Artes na
Universidade de Xangai, com
ênfase em Design Gráfico.

1995-2003

Produziu filmes comerciais e
atuou como diretor de arte e
diretor geral.

2004 -

Atualmente, está envolvido com
Criação de Arte. Vive e trabalha
em Xangai, China.

Maleonn já participou de mais de
25 exposições internacionais.
Seus trabalhos percorreram
importantes galerias de arte,
tanto na Europa quanto nos
Estados Unidos.

Este encontro teve início há pouco mais de um ano. Já não me lembro como foi que descobri o sítio eletrônico da *Galerie Paris-Beijing*,¹ mas desde então o seu endereço na Web está marcado como um dos meus *favoritos*. Na seção dos artistas, onde estão os trabalhos de jovens fotógrafos, encontrei *Maleonn* (Ma Liang, em chinês). A página a ele dedicada contém 13 coleções, todas incríveis! Parece que estamos diante das telas de um pintor chinês apócrifo, como aquele citado por Roy Wagner, “que perseguido por seus credores, pintou um ganso na parede, montou nele e fugiu voando!” (2010: 37). *Maleonn* costuma dizer que a fotografia é o seu “pincel mágico.”

Tempos depois, já nos últimos dias de dezembro de 2010 e às voltas com o fechamento desta edição da Revista, perambulava Internet adentro em busca de alguma imagem que pudesse ilustrar a capa. Nesse vai-e-vem, pensei: - “Será que eu conseguiria

¹ De acordo com o sítio da *Galerie*, a sua missão é criar um elo de ligação entre Paris, a capital mundial da fotografia, e Beijing (em português, Pequim), que se tornou um local importante na cena artística. E são dois os seus objetivos: 1) Descobrir e promover internacionalmente uma nova geração de fotógrafos chineses; 2) Ser uma plataforma para aclamados fotógrafos ocidentais, exibindo seus trabalhos num país em que seus nomes e obras são pouco conhecidos. Para tanto, a *Galerie Paris-Beijing* dispõe de duas sedes, uma em Paris e outra em Pequim. <http://www.parisbeijingphotogallery.com/>

falar com o autor das fotografias do carteiro?” Dito e feito. Digitei o nome da galeria no buscador, encontrei o nome de *Maleonn* e o postei, novamente, no Google. Encontrei o seu sítio eletrônico pessoal e lhe enviei um e-mail através da página “*contact.*” Para minha surpresa, *Maleonn* não só respondeu, como também autorizou o uso da imagem “Postman n.º.1” que ilustra a capa desta edição e nos brindou com essa breve entrevista.

O personagem (re)inventado por *Maleonn* nasceu de uma figura real, o carteiro rural francês Ferdinand Cheval, que no final do século XIX construiu o seu “Palácio Ideal” (*Palais Idéal*) com as pedras que recolhera ao longo de 33 anos de colecionismo. Pelas tintas do fotógrafo-pintor, o carteiro reaparece nas ruas da China, atravessando as paredes dos destinatários e lançando voo num universo de irrealidade.



Figura 2: Exposição “Jardim dos Espelhos.” Museu de Arte de Xangai, China. Fonte: China Economic Net, www.ce.cn



Olá *Maleonn*! Obrigado pela atenção e por aceitar o convite para essa entrevista. Gostaria de fazer algumas perguntas e, fique tranquilo, pois não falaremos da Antropologia. Ainda que a Antropologia, desde o seu nascimento, tenha grande interesse pelas expressões artísticas, trata-se antes de aprender o que é a arte em cada caso e de como ela é feita em cada local. Nesse sentido, teorias gerais sobre a Arte ou juízos de valor pouco importam. Queremos conhecer um pouco mais do seu trabalho. Numa entrevista recente,² você disse que começou sua carreira após perceber que não estava muito satisfeito com a ideia de ser ator. Entretanto, suas fotografias feitas em série, como coleções, sempre apresentam personagens como se eles estivessem numa estória. Você também já disse que se vê mais como um pintor ou um escritor, e que raramente usa câmeras. Como é o processo de produção de seus trabalhos e qual a relação deles com a escrita e o teatro?

Hello *Maleonn*! Thank you for your time and for accepting to do this interview. I would like to ask you a few questions, but don't worry because we won't be talking about Anthropology. Even though, since its birth, Anthropology has been interested in artistic expressions, it is rather about learning what is art in each case and how it done in different places. In this sense, general theories on Art or value judgments are not important. We want to know more about your work. In a recent interview, you said that you began your career after realizing that you were not very satisfied with the idea of being an actor. However, your photographs done in series, like collections, always present characters as if they are part of a story. You also said that you see yourself more as a painter or a writer, and that you rarely use cameras. What is the production process for your works and how do they relate to writing and the theater?



Figura 3: "Little Flagman," n.3. 2008

² *Flying to Spain*. Disponível no sítio <http://www.maleonn.com>

Glad to accept your interview. Actually, I think what is fun for me is that it's not from an art magazine. For me, art don't exists as sort of independent form. It must being related to some of our activities. Like what you asked, my work itself isn't a kind of some pure art medium. It's not photography, nor stills of drama or film. My life experience is quite rich, for instance, I was born in a family of drama. My father was a director of Beijing Opera, and my mother was an actress. Both of their lives influenced me a lot. Later I've studied painting for over ten years, and engaged in commercial video for a decade. Also I'm a literature fan. All of that could sound messy, but it was exactly what provided me with lots of possibilities. When I decided to create a work, all my experience appears altogether, what guides me to seek for such kind of way. Only like this, I can express it more smoothly.

Fico feliz por aceitar a sua entrevista. Na verdade, eu acho que o que é divertido para mim é que não se trata de uma revista de arte. Penso que a arte não existe como uma espécie de forma independente. Ela deve estar relacionada com algumas de nossas atividades. Como você apontou, meu trabalho em si mesmo não é uma espécie de "arte pura." Não é fotografia, nem mesmo teatro ou filme. Minha experiência de vida é bastante rica, eu diria, porque nasci em uma família de teatro. Meu pai foi diretor da Ópera de Pequim e minha mãe era atriz. A vida de ambos me influenciou muito. Depois estudei pintura por quase 10 anos e estive envolvido com vídeos comerciais por uma década. Também sou um amante da literatura. Tudo isso pode parecer confuso, mas me proporcionou muitas possibilidades. Quando eu decido criar um trabalho, toda a minha experiência aparece em conjunto, o que me orienta por tal ou qual caminho. Só assim eu posso expressá-lo mais "suavemente."



Figura 4: "Amber," n.1. 2008

Uma das características da arte é a sua capacidade de “afetar” as pessoas. Seus trabalhos criam uma sensação de “afasia,” isto é, fica-se admirado por coisas “indizíveis” e que tomam vida nas imagens que você cria. Faltam palavras para nomear o que se vê e isto “segura,” “prende” o espectador às imagens. Como você definiria a sua arte? Quais os seus principais temas e inspirações?

One of the characteristics of art is its ability to “affect” people. Your works create a feeling of “aphasia,” that is, one is admired by “unnamable” things that come to life in the images you create. No words can express what is seen and this “captivates,” “holds” the spectator to the images. How would you define your art? What are your main themes and inspirations?



Figura 5: “King of the Ridiculous,” n.1. 2010

Do you think so? That's great. Actually some views are quite against my work. They think it's boring, messy, hysteria's, etc. I think they're pissed off. Most of the time, people always hope to understand all the logic in one work, which should be explainable. When facing such kind of views with such expectations, my work probably disappointed them, even being detested. Personally, I think that artwork itself doesn't need to be understood, explained nor to have logic. What is important is to provide the sense of feeling, like in a labyrinth; in which feel lost is part of the charm.

I don't know either how to define my work. There's one sentence I like very much (I forgot the writer, might be Susan Sontag) what said that the artist is like a mirror, which reflects the shadow of the world. Not of it all, but only the part from the mirror. Everyone has his own angle. While the reflection isn't so important, the most important thing is the existence of the mirror. I'm the mirror that reflects the world of my world. Without me you won't see these images forever.

I always talk about the past, about the disappearing, about the fragile existence in our life. Sometimes I use some ridiculous manners to play the tragedy. But in the sadness, there still left some naiveté and hope. Those are my themes.

Você acha? Isso é ótimo! Na verdade, há quem seja completamente contra o meu trabalho. Pensam que é chato, confuso, algum tipo de histeria, etc.

Acho que [meus críticos] estão “de saco cheio.” Na maioria das vezes, as pessoas sempre têm a esperança de compreender toda a lógica de uma obra e que ela seja passível de explicação. Ao se confrontar com tais pontos de vista, e suas expectativas, o meu trabalho provavelmente os desaponta, sendo até detestado. Pessoalmente, eu penso que obras de arte não precisam ser compreendidas, explicadas ou ter alguma lógica. O importante é provocar uma sensação, porque se perder faz parte do charme, como em um labirinto. Eu não sei como definir a minha arte. Gosto muito de uma frase (esqueci o nome do autor, talvez seja Susan Sontag) que diz que o artista é como um espelho que reflete a sombra do mundo. Não de toda ela, mas principalmente da parte do espelho. Todo mundo tem o seu próprio ângulo. Importa pouco o que é refletido, pois a coisa mais importante é a existência do espelho. Eu sou o espelho que reflete o mundo do meu mundo. Sem mim, você jamais veria essas imagens. Eu sempre falo sobre o passado, sobre desaparecimentos e da fragilidade da existência em nossas vidas. Às vezes eu uso alguns recursos ridículos para encenar a tragédia. Mas na tristeza, sempre resta alguma ingenuidade e esperança. Estes são os meus temas.

Você já disse, em outras entrevistas, que adora viajar e colecionar fotografias antigas. Nas suas coleções, há fotos do Brasil ou de países da América Latina? E que artistas contemporâneos, chineses ou ocidentais, mais chamaram a sua atenção?

Yes, I like traveling and collecting old photos. I always buy some in my trips. Unfortunately, I've never been in Brazil or other Latin America countries. If I have the chance to go there, absolutely I will collect some of your old pictures. I have a professional nose to collect antique photos that leads me to where I can find what I want in a strange country.

I like an experimental video artist called Matthew Barney. He is the artist who most impressed me recently.

You mentioned, in other interviews, that you love to travel and collect old photographs. In your collections, are there photos of Brazil or Latin American countries?

What contemporary artists, Chinese and Western, caught your attention the most?

Sim, eu gosto de viajar e de colecionar fotos. Eu sempre compro algumas fotos nas minhas viagens. Infelizmente, ainda não fui ao Brasil nem a outros países da América Latina. Mas se eu tivesse a chance de visitá-los, eu certamente colecionaria algumas fotos antigas. Eu tenho um “faro” profissional para coletar fotografias antigas, que me leva até onde eu possa encontrar o que eu quero em um país estranho. Gosto muito de um artista de vídeo experimental chamado Matthew Barney.³ Ele é o artista que mais me impressionou nos últimos tempos.



Figura 6: “Postman,” n.5. 2008

³ Para ver os trabalhos de Matthew Barney, siga o link: <http://www.cremaster.net/>

Voltando ao tema da escrita, suas fotos costumam ser acompanhadas de textos e poesias. O pouco que conheço da filosofia chinesa, devo a um autor francês chamado François Jullien e as imagens que conheço da China chegaram até mim por meio de filmes e, mais recentemente, através de fotografias como as da *Galerie Paris-Beijing*. François Jullien costuma trabalhar com temas centrais da filosofia ocidental a partir de diálogos com o pensamento de filósofos chineses que, a seu ver, iluminam e nos dizem algo mais sobre a nossa própria filosofia (ocidental). Eles dizem “algo mais” porque nos deixam ver outras possibilidades, nos fazem pensar de outra maneira. Como você vê a China atual? Isto é, as cores, cenários e pessoas com os quais você se relaciona em suas viagens passam a fazer parte do seu olhar sobre a China atual?

Going back to writing, your photos usually include texts and poems. The little I know about Chinese philosophy I owe to a French Author called François Jullien and the images I know of China are the ones I have seen in movies and, more recently, photos such as those in the *Galerie Paris-Beijing*. François Jullien usually works with central themes of the western philosophy based on dialogues with the rationale of Chinese philosophers which, he believes, enlighten and tell us something more about our own philosophy (western). They say “something more” because they allow us to see other possibilities, make us think in another manner. How do you see China nowadays? In other words, are scenarios and people you relate to during your trips part of how you see China currently?



Figura 7: “Book of taboo,” n.5. 2006

As a Chinese, I'm especially proud of the knowledge from ancient Chinese philosophy, some of the more wonderful things in our traditional culture.

Meanwhile, what upset me most is also this. In the past decades, the disappearing and the damage to Chinese traditional culture was the severest ever in our modern history.

I'm 40 years old. I was born in the culture revolution; I've grown up in a moment of fast developing in economy.

So the more I matured, more I learnt about our culture, although I was increasingly sad. The Culture Revolution had split our tradition. In this "economy time," culture becomes the decoration that is being distorted and simplified. Too many things are vanishing in front of our eyes, although they're so beautiful. I don't even have a chance to see them clearly before they gone.

I often tell there's such a kind of ridiculous sad in my work. Maybe I used very western vision language, but also undermined by some Chinese thinking inside. I didn't choose record the contemporary china by the lens but in my own way to describe the confusion of the culture and spirit of China. It's ridiculous and crazy, a homeless feeling of lost, lost the past, but also nervous to not finding the future. Surely there's a little bit insistence of bravery, a foolish romance like Don Quixote who challenges the windmill.

Como um chinês, eu sou especialmente orgulhoso do conhecimento da filosofia chinesa antiga, uma das maravilhas da nossa cultura tradicional. Entretanto, o que mais me chateia também é isso...

Nas décadas passadas, o desaparecimento e os danos à cultura chinesa tradicional foram mais graves do que nunca em nossa história moderna. Eu tenho quarenta anos. Nasci na Revolução Cultural e cresci em um período de rápido desenvolvimento econômico. Então, quanto mais eu fui me tornando maduro, quanto mais eu leio a respeito de nossa cultura, mais triste eu me sinto. A Revolução Cultural cortou a nossa tradição. Nestes tempos em que prevalece a economia, a cultura tornou-se a decoração que está sendo distorcida e simplificada. Muitas coisas estão desaparecendo diante de nossos olhos, ainda que sejam tão bonitas. Eu sequer tive a chance de vê-las claramente antes de desaparecerem.

Costumo expressar esse tipo de tristeza ridícula no meu trabalho. Às vezes uso muitas linguagens visuais ocidentais, mas elas também são "minadas" por dentro pelo pensamento chinês. Eu não optei por retratar a China contemporânea através das lentes, mas à minha maneira eu procuro descrever a confusão da cultura e do espírito da China. É ridículo e insano, um sentimento de perda sem-teto, perdido no passado, e ao mesmo tempo ansiedade por não encontrar o futuro. Certamente há um pouco de coragem insistente, um romance disparatado, como Dom Quixote, que desafia um moinho de vento.

Por fim, além de agradecê-lo, novamente, por conceder essa entrevista, gostaria de perguntar sobre o que você vem trabalhando atualmente e se você pretende voltar a trabalhar com filmes. Pergunto isto porque as suas fotografias têm cenografias belíssimas e revelam uma minuciosa pesquisa por objetos e locais que, juntos, compõem ambientes similares ao universo dos sonhos. Muito obrigado!

I'm glad to chat with you about these. Recently I've been organizing my Chinese old photos, and writing some articles about these photos. I just hope to find a new way to put into my future creation by such kind of study and observation. So far I don't have any plan on taking films. But I'm talking about some collaboration with some drama workers. Maybe I'll try to do a drama creation first. Thanks for your interview... let me think about something again when I answered your questions.

Finally, I would like to thank you for giving this interview, and I would like to ask you about what you have been working on currently and if you intend to work with movies again. I ask this because your photographs have beautiful sceneries and reveal a meticulous research for objects and locations that, together, make up environments that resemble the universe of dreams. Thank you!

Fico contente por conversar com você sobre tudo isso. Atualmente, tenho organizado minhas fotos antigas da China e escrito alguns artigos sobre elas. Espero encontrar uma nova maneira de colocar esse tipo de estudo e observação em minhas criações futuras. Até agora, não tenho nenhum plano de trabalhar com filmes, embora eu esteja conversando sobre algumas colaborações com pessoas que trabalham com dramaturgia. Talvez eu tente trabalhar com criação dramática. Obrigado pela entrevista... [Ela] me fez pensar algumas coisas enquanto eu respondia as suas perguntas.



Figura 8: "King of the Ridiculous," n.7. 2010